

# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR



**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-19448-6**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- ANTES DO ANOITECER, POR ANDRÉ LUIZ SILVA DE SOUZA, PÁG. 05  
O HOMENZINHO ENTERRADO, POR EMÍLIA CARNEIRO, PÁG. 12  
AMARGOS E DOCES E OS DOIS DRAGÕES, POR HENRIQUE MEDEIROS SÉRGIO, PÁG. 15  
SARAU NO INFERNO, POR MAURO ANDRÉ OLIVEIRA, PÁG. 18  
HERÓIS E VILÕES, POR R. GUIMARÃES, PÁG. 20  
MENSAGEM (2), POR SELMA LUANNY, PÁG. 22  
CONTA-SE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 24  
A GRANDE FESTA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 26  
URRANDO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 29  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 31





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

## Antes do anoitecer

Por André Luiz Silva de Souza

André Luiz é uma mente sonhadora que desabrochou ainda na metade dos anos e em razão de ter se tornado fã de um famoso e complexo personagem dos animes japoneses, chamado Saga, surgiu então em 2007 André Saga! Esta junção de nomes não somente fazia referência ao personagem, mas sua plena definição indicava a jornada deste aprendiz de escritor que passou por anos de teatro, formação em Letras e por fim cursou inglês e ingressa em uma nova graduação na velha terra dos celtas.

Em certo entardecer o único ruído a se ouvir encobrendo o mundo era o manso rufar de trovões no céu cinzento, a chuva lavando o solo verdejante e o vento que uivava entre as árvores que cercavam uma moradia solitária no sopé de uma cordilheira que se perdia no horizonte entristecido. O vidro de uma janela oval era atingido por gotas e folhas, vez ou outra a porta estremecia sutilmente, naquela sala larga havia uma lareira acesa e uma figura central que em sua cadeira balançava sutilmente, tinha em mãos um livro aberto onde sua mente estava totalmente imersa. Uma coberta xadrez lhe envolvia as pernas enquanto os pés descalços se regozijavam em movimentos preguiçosos por estarem próximos do calor das chamas alimentadas pela excessiva lenha crepitante, por fim um sorriso de satisfação parecia materializar o prazer da leitura.

Um rosto fino e iluminado pelas chamas expressava satisfação, os olhos negros brilhavam com resignação, finalmente havia encerrado aquele volume e certamente os últimos parágrafos lhe trouxeram grandes revelações formando um misto de prazer e alegria. O volume agora repousava sobre seu colo enquanto esticava os braços e olhava descontraidamente para a mobília muito modesta e alguns retratos familiares nas paredes, por fim suspirou logamente e espiou a janela lembrando da chuva passageira... tudo era passageiro.... Calçou suas botas e devolveu o exemplar aos companheiros em uma estante que não somente abrigava livros, mas mapas e pequenas peças de porcelana que serviram para uma inesperada solenidade vespertina em companhia de viajantes que passaram por sua porta.

Eram altivos cavaleiros de armaduras que levavam consigo um estandartes de veludo de um distante reinado que o vento agitava mansamente naquela tão distante tarde de verão, eles se dirigiam para além daquela região onde se diziam que espectros de um passado distante haviam despertado. Tal relato causava arrepios e notável desconforto naquele isolado proprietário que muito desajeitado sorriu desejando que tais criaturas não resolvessem lhe aterrorizar em alguma noite qualquer. Satisfatoriamente os meses passaram em paz e a lembrança do diálogo e a possibilidade de ser atacado por criaturas misteriosas se tornou uma sombra distante e o que muito se ouvia nas noites solitárias eram corujas ou insetos. Jamais aquela companhia de bravos homens retornou por aquela região desolada, teriam batalhado até o fim? O fim... tudo era passageiro... e as passagens da vida lhe passavam pela mente enquanto lentamente avançava para o piso superior... seus pensamentos lhe escapavam... uma estranha sombra sussurrava seu nome no topo

dos degraus e teria se esquecido por completo do mundo lá fora caso os sons de cavalos não se tivessem feito subitamente presentes...

Já no último degrau fez-se uma pausa nervosa, haviam ruídos diferentes se manifestando no jardim, vozes a meio tom e cascos pisando contra o passeio de pedras trouxe certa apreensão ao residente! Descendo acelerado para espiar pela janela oval reconheceu figuras de armaduras reluzentes caminhando em seu jardim, notou uma espada sendo empunhada e manobrada no ar com tamanha precisão que parecia ser quase capaz de cortar as gotas da chuva! Saqueadores? Ou seriam aqueles viajantes de antes? As armaduras diferiam ao que ainda lhe era claro em seus pensamentos, talvez um gesto ousado fosse o mais acertivo... não havia chances de uma vitória, mas somente adiantaria o fim...

A porta se abriu com inesperada violência e um homem de traje verde escuro e lenço amarelo ao pescoço surgiu munido de uma cadeira em mãos com verbalização acalorada, se propondo ao combate! Uma figura de armadura prateada cujo peitoral se destacava por ostentar pequenas pedras luminosas abaixou sua espada e somente um olhar incisivo em destaque na viseira do elmo fechado fora o bastante para causar um efeito paralizante no agitado homem! Os demais cavaleiros que igualmente ostentavam armaduras de formas bem delineadas com ornamentos minerais seguiram o exemplo daquele líder, como que se entre eles um pensamento em comum lhes repercutisse na alma, abaixaram suas armas e aquele cavaleiro retirou seu elmo para o surpreso homem na soleira de sua porta. Em um rosto bem desenhado cuja moldura capilar longa e cinzenta caía sobre as ombreiras largas, destacava-se olhos negros como fragmentos da noite que despejaram um misterioso e contínuo encanto paralizante, de sua imagem emanava algo que o destacava dos outros homens... havia nele um detalhe muito particular que indicava sua altividade e soberania sobre o tempo que limitava as aspirações humanas, se tratava de um elfo.

Uma voz que rivalizava com a força sonora do trovão indagou se haveria naquela moradia um coração humilde o suficiente para oferecer abrigo para a senhora Cendiy, soberana da cidade ruidosa. O semblante daquele homem se transfigurou em surpresa incalculável, ergueu as sobancelhas e com os olhos arregalados espiou a comitiva que ocultava alguém encoberto por uma capa cinzenta, as palavras se embaralharam em sua mente conforme gestos desordenados indicaram o interior da casa! A cidade ruidosa era como os homens se referiam ao belo e encantado domínio escondido dos elfos nas

entranhas do distante sul, regiões predominantemente constituídas por cidadelas e reinados imortais. Houve apenas um homem que visitou a cidade ruidosa e terminou sendo capturado e entregue aos pés daquela que ele relatou como sendo; a dominadora, imponente e silenciosa senhora de uma cidade cuja beleza arquitetônica as palavras humanas ainda estavam distantes de alcançar esclarecida compreensão para descrever os detalhes.

Aquele líder adentrou acompanhado de outros quatro soldados que se posicionaram nos extremos daquela sala, bateram suas lanças contra o assoalho em unísono, desta forma se sucedeu uma formalidade muito breve:

— Eu, Capitão Thil Paran, agradeço vossa hospitalidade senhor...

O cerimonial composto de uma postura firme com o punho contra o peito causou certo espanto naquele homem que tentando replicar o gesto sem a mesma altividade respondeu muito nervoso e quase gaguejando:

— Me chame de... não, sou Araima... o... o comum! A suas ordens!

Na soleira uma figura de capa e capuz surgiu, logo entregou sua pesada capa aos cuidados de um soldado que ficou de vigia atrás da porta que ruidosamente se fechou e naquela sala houve a presença de duas luzes distintas que rivalizaram em um primeiro momento, mas houve aquela que cedeu perante a singularidade da outra. Os elfos certamente eram abençoados por todas as luzes, como estava registrado nos livros que sustentavam os ritos e crenças da criação das diferentes raças, eles naturalmente emitiam luz em razão de que seus corpos físicos foram moldados pelo calor da luz solar, suas mentes alcançavam o futuro graças a luz do luar e suas almas abrangiam o infinito em decorrência da luz das estrelas que forjaram suas almas. Para um mortal era um fenômeno que silenciava até a alma, como que se fosse quase possível capturar uma porção da luz do luar!

A senhora da cidade ruidosa se sentou diante da lareira, sua cabeça de cabelos ondulados de cor marfim estava destituída de sua coroa de raízes negras, galhos de outono e folhas carmesim. As mãos desnudas e descansadas do peso da luva de metal agora sentiam o calor do fogo lhe revestir de conforto, a lembrança do peso da espada sendo manobrada contra criaturas sinistras começava a ser amortecida pela sensação pacífica que o ambiente modesto causava...

— Sinto a paz e leveza que meus salões não me tem proporcionado em muitas décadas... — murmurou ela em tom melancólico — Por que se esconde aqui aos pés da



cordilheira de Ithiphia? O mundo dos homens certamente precisa de toda força que possa convergir na direção de livrar este mundo das sombras que lhe ameaçam.

Muito surpreso Araima olhou assustado para Thil Paran, deveria pedir permissão para falar? O elfo lhe fez um gesto muito breve com a mão direita, estava em posição de responder a soberana... Araima tinha a estranha sensação que sondavam seu íntimo...

— Minha Senhora, com todo respeito.... Eu tenho medo da guerra! — Araima abaixou a cabeça envergonhado.

— Sua sinceridade desafia o orgulho natural dos homens em buscar aquilo que possa lhes immortalizar na canção do tempo, feitos gloriosos, mas talvez haja algo mais oculto no seu coração, algo que esteja escondendo de nós. — argumentou a soberana.

Acuado Araima reagiu mudando o direcionamento daquela conversa desconfortável e indagou os presentes se aceitariam um pouco de chá, mas somente Cendiy aceitou, seus olhos safira pareciam envoltos em curiosidade sobre o que um homem comum poderia saborear em sua solitude e observou todo o processo atenciosamente. Porém, ela não se atentou em como sua própria presença causava uma exaustiva pressão sobre seu anfitrião que cabisbaixo desviava de seus olhares com um sorriso constrangido. Houveram homens em dias mais recentes que brevemente puderam lhe admirar em batalha ou negociações com reis e rainhas de diferentes raças e sentiam-se privilegiados pela ocasião da qual fariam discursos pomposos sobre terem dividido espaço com uma soberana dos imortais. Mas aquele homem lhe servindo chá tinha um coração descortinado destas vaidades, ela conseguia melhor espiar seus pensamentos e isto lhe afirmava que ele se destacava de altivos mortais que de altivos talvez somente possuíam suas armaduras em maioria forjadas pelos habilidosos anões.

Cendiy apanhou a xícara e ao sorver os primeiros goles o seu fino rosto iluminado corou como uma maçã no auge da primavera, seus lábios se regozijavam no delicioso sabor proporcionado pelo chá, cujo aroma lhe preenchia as narinas e deslocava seus pensamentos para algum momento alheio aos acontecimentos infelizes nos distantes reinados. Um sorriso sinalizou total aprovação e uma mão desprovida de anéis foi estendida contra Araima que surpreso pelo gesto inusitado agiu de imediato e com nervosismo, tomou a mão e beijou respeitosamente.

— Os humanos sentem-se tão pressionados pela finitude que se lançam em conflitos descabidos, arrastando consigo seus iguais, pessoas que só gostariam de aproveitar a maior benção da vida, a paz que emana da alma. — observou a soberana.

Munido de certa coragem Araima perguntou:

— E os elfos já alcançaram esta paz, minha senhora?

E de coragem para receio o homem olhou Thil Paran com temor, mas este estava compenetrado em seus próprios pensamentos, a voz da elfa se manifestou mais uma vez:

— Estamos longes disto, a nós imortais cabe o dever de guiar e orientar os mortais em sua jornada de aprimoramento moral para que suas almas reconheçam as bordas floridas da verdadeira vida, a do espírito, o único que de fato conhece a liberdade, imortalidade e a paz! Desta forma nós elfos somos prisioneiros nesta terra e de nenhuma paz desfrutamos!.

Cendiy se levantou sutilmente e entregou sua xícara, contornou a cadeira e observou novamente todo aquele espaço aconchegante com um sorriso aliviado, por dias esteve em combate e por trás de sua austeridade facial havia devastação e profunda dor ao presenciar cenas lamentáveis nas muitas cidades e vilarejos. A crueldade representava a essência primitiva dos mortais, os tempos de paz o momento em que se entregavam as reflexões e os progressos eram o resultado de suas decisões. A Soberana fez um gesto para seu capitão se aproximar e lhe entregar sua própria espada ainda guardada na bainha.

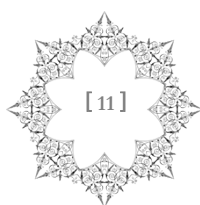
— Eu gostaria que incontáveis dias de paz pudessem lhe coroar a vida juntamente com a graça dos ventos que afastam as sombras que ameaçam este mundo, no entanto existem causas que demandam a participação de todos, o mundo pertence a todos e é para ser desfrutado por todos! — e Cendiy lhe entrega a espada em mãos — Seus pensamentos não estão ocultos do nosso conhecimento, talvez ainda tenha a oportunidade de lutar e dar o exemplo de humildade a outros homens que desconhecem isto!

Havia o som de passaros do lado de fora, uma luminosidade serena indicava o final da chuva e o distanciamento das nuvens cinzentas sinalizava um anoitecer fresco, a soberana dos imortais poderia prosseguir em sua jornada e avançou até a porta onde voltou-se para Araima a lhe dizer sorrindo:

— Venha visitar a cidade ruidosa, cascatas despencam de diferentes níveis a formarem cursos que serpenteiam nos entornos das casas por onde pequenas embarcações são conduzidas e atravessam portais e ganham lagos onde aportam em coretos onde os elfos se reúnem para filosofar! Poderá subir nas altas torres de fortificação ao lado de grandiosas cachoeiras para que ao lado de meus soldados possa vislumbrar nossas fronteiras!

No piso superior em um quarto menor se encontrava uma armadura desmontada cujas peças repousavam ao lado de um vestido dobrado em um altar coroado por um retrato oval... Araima se aproximou cuidadosamente para depositar a espada ao conjunto e ao virar-se uma corda pendurada em uma viga balouçava suavemente... um olhar carregado de remorsos fora desferido contra o retrato que imortalizava uma mulher de olhar sereno e sorriso doce que desabrochou entre as tormentas do mundo e por ele fora consumida...

Talvez algum dia Araima voltasse a vestir a pesada armadura e bradando a espada elfica marcharia rumo aos conflitos que assombravam todo o mundo, mas nem todos os homens estão curados de suas perdas. E embora muito se espere da maior parte deles, o máximo que suas mãos conseguem fazer é esculpir pequenas obras, dedilhar as cordas de um instrumento musical ou rabiscar uma poesia para ser lida nas últimas horas de um exaustivo dia. Grandes batalhas não são apenas travadas no aglomerado e desesperador campo de batalha, muitas estão acontecendo em muitos corações que beiraram o fim de toda esperança e razão de seu existir, mas que na derradeira e mais sombria hora sobre suas consciências uma luz surgiu os convocando para a vida novamente, antes do anoitecer.





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

## O homenzinho enterrado

Por Emília Carneiro

Emília Carneiro é clarinetista e claronista da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Começou seu contato com a música aos três anos de idade e sempre foi incentivada a ler. Ainda muito pequena, apreciava contos infantis de Clarice Lispector e Érico Veríssimo. Emília tem um blog, intitulado Pata Melódica, onde escreve textos relativamente curtos sobre música erudita e animais de estimação.

Era uma vez um astuto garotinho, que ia sempre ao cemitério após a aula, pois seu pai era coveiro e ele adorava voltar para a casa em sua companhia. Vez ou outra, tinha o garotinho uma jornada de longa espera, pois trabalho de coveiro, fácil, não era. Isto lhe possibilitava ler, fazer dever de casa ou mesmo divagar sobre as pobres almas que jaziam ali. Acontece que um dia, algo muito estranho aconteceu...

Estava o garotinho a ler alguns contos assustadores dos irmãos Grimm no cemitério, à espera de seu pai, quando, de repente, ele sentiu em sua canela uma mão cheia de ossos. Era de um homenzinho enterrado por lá, já há alguns anos, sem eira nem beira. Tentando se aproximar, assim, como quem não queria nada, ele acusava o garoto de lhe roubar a mão. O menino, coitado, deixou cair livro, óculos e perdeu até um sapato! Saiu correndo, gritando:

— Papai! Papai! O homenzinho de ossos vai me devorar!

E o pai, achando mais era que se tratava de brincadeira do moleque, pôs-se a rir:

— Ora, e o é que um homenzinho feito de ossos iria fazer com carne fresquinha, feito a sua, com essas bochechas redondas e barriga gordinha de doces?

O menino, parando para pensar, viu logo que carne fresca, praquele homenzinho, não tinha lugar. Então sossegou, voltou e pegou suas coisas, mas ali não encontrou rastro nenhum do homenzinho-esqueleto.

Por volta de três dias depois, estava o menino a ler Clarice Lispector, que tem uns livros muito bonitos, de cachorros, galinhas e até de coelhinhos. E não é que bem ao seu lado, parecendo se deslumbrar com as ilustrações, estava agora não só a mão, como o braço todinho do tal homenzinho? Estranho é que braço não enxerga, mas disso o menino nem quis saber. Deu logo um pulo, caiu livro, caiu tudo. Viu logo o homenzinho sem seu braço e esbravejou:

— Meu pai disse que esqueleto não come carne!

O esqueleto, meio zangado, meio frustrado, mais uma vez não conseguiu pegar o menino. Ficou querendo recuperar logo o braço. O garotinho, muito sagaz, conseguiu agarrar o braço e o lançou pra trás! Enquanto corria... Pois bobo não era, de ficar pra ver o

que aconteceria. Já sabia que contar ao pai não ia adiantar, mas achou melhor do que guardar:

— Papai! Papai! O homenzinho de ossos deixou o braço bem do meu ladinho, não pude nem acabar de ler o livro da Clarice, que tinha um cachorrinho!

— Pois volte lá e pegue o livro, que termino com você no quentinho do nosso cantinho.

Já se passavam sete dias e o menino estava pra esquecer a história, mas voltou o homenzinho para lhe resgatar a memória.

— Homenzinho, homenzinho, que é que você quer? Estou lendo um livro, vai ficar no meu pé?

O homenzinho, impaciente, pôs-se a correr, finalmente, confessando:

— Não quero te comer! Quero mesmo é trocar de lugar, vou colocar minha alma no seu corpo e você fica com esse esqueleto velho, a sete palmos da terra!

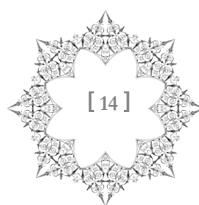
O garoto, cansado de correr, não encontrava seu pai. Sem saber o que fazer, propôs:

— E se eu te der uns livros, você sossega em sua catacumba? São divertidos e interessantes, dá pra matar tempo de vivo, dá pra matar tempo de morto.

O homenzinho pensou, pensou... E aceitou a proposta, pois pior que lidar com a morte, era carregar consigo um tédio sofrido. Interessado, começou a descobrir assim uns clássicos da literatura, pois, durante a vida, não era letrado.

— Obrigado, menino, pelo que você fez. Me ensinou a ler até livro de xadrez!

E assim ficou sendo a história do homenzinho, cujo esqueleto só sai quando termina um bom livro. Dizem que no dia das bruxas o menino, já crescido, ainda vai visitá-lo, não para ter a carne roubada, mas com livros, para presenteá-lo.





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

## Amargos e doces e os dois dragões

Por Henrique Medeiros Sérgio

Henrique Medeiros Sérgio - Autor, Pesquisador e Palestrante sobre: Violências contra Mulheres e LGBTQIAP+, Relações Intrapessoais, Interpessoais e Pessoais, Autor e Ilustrador de vários livros.  
henriquemedeirossergio@gmail.com WhatsApp: 21/ 98503.3000

### **Chocolegolândia:**

Um lugar mágico e repleto de vida, onde chocolates doces e amargos coexistem. O Reino dos Amargos, liderado por Amargolino, é habitado por criaturas sérias e pouco humoradas. Já no Reino dos Doces, Docelito e Clara, uma borboleta colorida, governam com gentileza e alegria. Diariamente, os chocolates marcham até o castelo do Rei Bombom e da Rainha Truffa para o tradicional "Bom dia" antes de seguir com suas atividades.

### **As Bruxas:**

Enquanto isso, no Reino das Bruxas, duas bruxas invejosas, mãe e filha, tramavam sua vingança. Depois de tentativas frustradas de destruir Papai Noel em anos anteriores, em um deles transformou ele em um veado, elas aguardavam a Páscoa para atacar. "Aquele lugar insuportável, Chocolegolândia, e aquele Noel vão me pagar!" disse para mãe em tom profético.

Decididas a liquidar toda a produção de cacau, as bruxas convocaram um casal de dragões para incinerar os chocolates e suas plantações. "Pelos meus poderes ordeno: quero liquefazer todos esses insuportáveis chocolates!" ordenou a bruxa, com um sorriso maligno.

### **A Ameaça dos Dragões:**

Os dragões gigantes partiram em direção a Chocolegolândia, criando pânico entre os habitantes. No céu, discutiam:

— Que lugar agradável! Esse cheirinho de chocolate é incrível!

— Mas, se destruímos tudo, não vai sobrar nada! E nós também seremos afetados!

— Missão é missão! Se não cumprirmos, a bruxa nos eliminará! Ela irá apagar nosso fogo para sempre e seremos apenas dois dragões que vão cuspir nada em vez de fogo.

### **A Solução Criativa:**

Enquanto isso, Docelito e Amargolino, percebendo a iminente ameaça, decidiram agir e traçaram um plano.

— Que tal acenar para eles? Podemos oferecer nosso melhor chocolate e, quem sabe, alegrá-los! — sugeriu Docelito.

— Boa ideia! A serotonina pode ajudar a melhorar o humor deles — respondeu Amargolino com um riso amargo.

Os chocolates começaram a balançar suas embalagens, chamando a atenção dos dragões.

— Olha, eles estão acenando! Talvez queiram conversar! — disse um dos dragões, surpreso.

Os dragões pousaram e foram recebidos calorosamente por Docelito e Amargolino. Após um banquete recheado de chocolates de todos os tipos, os dragões começaram a relaxar e a se abrir para a ideia de amizade.

— Se vocês ficarem conosco, teremos montanhas lindas, comida farta e muito carinho! Aqui, vivemos bem com nossas diferenças — propôs Docelito, fazendo amizade com os dragões.

### **Uma Nova Aliança:**

Convencidos, os dragões aceitaram a proposta e, em uma cerimônia especial, foram nomeados os “Guardiões das Florestas do Reino da Chocolegolândia”.

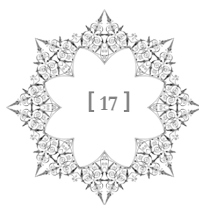
As bruxas, por sua vez, viam, mais uma vez, seus planos desmoronarem.

— Como pude mandar dois dragões gulosos para aquele lugar? — exclamou a bruxa.

— Aaaaaah! Quer saber? Vou para o meu quarto pensar em um novo plano! Tudo culpa daquele Papai Noel!

E assim, em Chocolegolândia, a paz foi restaurada. Os chocolates amargos e doces aprenderam que, mesmo nas diferenças, a amizade e a união podem superar qualquer ameaça. E a bruxa? Ela continuava tramando, mas agora, com novos desafios pela frente.

Este conto é um fragmento da “Coleção Amargos e Doces - Nem Tudo é Igual o Tempo Todo” de @HenriqueMedeirosSérgio.





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## **Sarau no inferno** Por Mauro André Oliveira

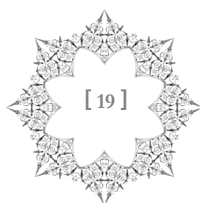
Com formação superior em Letras e Direito, o autor dedica-se ao cultivo da escrita literária fabulando em prosa e verso. Suas obras já foram publicadas em antologias diversas, e também já foi premiado em alguns concursos em modalidades e gêneros literários variados. É colaborador do blog "Escritor Brasileiro" ([escritorbrasileiro.com.br](http://escritorbrasileiro.com.br)), e também é autor do livro "COLETÂNEA SONETO DE SÁBADO - Vol. 1", que reúne uma parte do acervo de sonetos que vem há algum tempo compartilhando em sua página pessoal no Facebook.

Você, canalha, a olhar-me com desdém  
prostrado ao lado do meu ataúde  
enquanto verte um pranto falso e rude,  
te vejo em breve, ó néscio, aqui no além!

Você que falsamente brada amém  
enquanto ri dos outros e, amiúde,  
se diz perfeito, um poço de virtude,  
não vai tardar pra estar aqui também!

Você, crítico espúrio e controverso  
que ri e cospe adrede no meu verso  
achando-se impecável e moderno,

em breve formaremos um dueto  
a declamar bem alto este soneto  
na festa literária aqui do inferno.





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## Heróis e vilões

Por R. Guimarães

Reginaldo é professor de escola pública em Goiás, mestre em Educação, autor do livro *Desafios da Educação Frente aos Interesses do Mercado*, participante de Antologias onde escreve sonetos, sua inspiração vem de Pablo Neruda e Vinicius de Moraes.

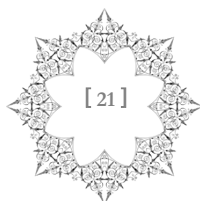


Esta é uma história fantástica  
Igual a de João e Maria  
Porém nossos heróis  
Fazem parte do dia a dia

São aficionados por poesia  
Desbravadores de mistérios  
Vivem sempre a viajar  
E os vilões capturar

Não tem medo de bruxas, ogros ou dragões  
Sabem que são seres lendários  
Fruto do imaginário

E vão destemidos como vento  
Página por página a viajar  
Quando termina uma aventura, outra vai começar.



# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## Mensagem (2)

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Não podia ser só coincidência.

Por mais de sete vezes, em sete dias diferentes e intercalados, o mesmo sonho - ou pesadelo.

Seria uma mensagem do universo distante ou de outra dimensão?

Não sei. O que sei é que não era bem vocal. Nas primeiras vezes, sentia como se fosse uma telepatia sem palavras, só com símbolos e imagens em movimento, diretamente implantada no meu cérebro.

Nas duas primeiras noites não levei a experiência a sério. Julguei ser um sonho estranho e facilmente esquecido ou relevado durante o dia seguinte.

Mas da terceira vez em diante, ficou claro que alguma coisa estava acontecendo comigo e era perturbador.

Então passei a pensar no que fazer e com quem tirar dúvidas ou me esclarecer.

Pensei muito e longamente.

Se eu fosse a um psiquiatra, provavelmente iria denominar de "alucinação" e ia querer dar-me alguma medicação que eu julgava então, desnecessária.

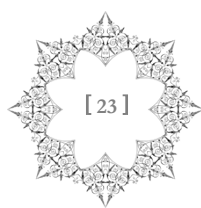
Se fosse a um religioso, provavelmente iria chamar-me de descrente e queria que eu passasse por vários rituais da seita, o que me eram inaceitáveis.

Se eu fosse a alguma agência de segurança do governo, talvez os seus mandões quisessem trancafiar-me para ser estudada ou acompanhada.

Então não fui a nenhum destes.

Estou pensando se entro em contato com grupos que estudam OVNIS (Objetos Voadores Não Identificados, em Inglês) ou que tenham interesses em seres alienígenas(?!)

A verdade é que a mensagem recebida já está claramente gravada em meu cérebro: "ESTAMOS CHEGANDO".





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## Conta-Se... Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Conta-se que num remoto lugar de uma era passada, havia entre as pessoas comuns, algumas com poderes especiais.

O povo de então sabia e as respeitava e venerava.

O povo tomou-as como entes e deuses protetores da sua gente, da floresta, rios e dos animais neles contidos.

Deles contaram oralmente, por gerações e milênios, os seus feitos e bençãos, todos ligados à mãe Natureza.

A tradição era por todos venerada em danças, cantos e no seu dia a dia, no contato com os seres e coisas — todos sagrados — em meio ao paraíso onde imaginavam terem surgido.

E o paraíso era acima de tudo para ser preservado.

Este povo representava tribos e nações do posteriormente denominado "povo vermelho"

Num dia que seria para sempre marcado, chegou às suas costas azuis, o "povo branco" em grandes embarcações, munido com armas destruidoras nunca vistas naquela sagrada terra.

A invasão, genocídio dos nativos e contaminação da terra e dos rios do paraíso, que começou a ser destruído, nunca mais parou.

Daqueles tempos, tristes e fragmentadas lembranças.



# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## **A Grande festa** Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

A redenção da batalha...  
celebração da vitória...  
num ritmo só, danças  
e cantorias... muitas  
caras pintadas e  
coloridos penachos.

Naqueles idos tempos,  
não se cobria "vergonha"...  
às costas azuis, não havia  
chegado "vergonha".  
Na tez cor de jambo,  
a natural pureza...

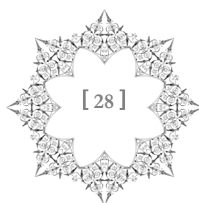
Nuas e belas, puras e  
ingênuas, sob o sol...  
pelos seus deuses  
protegidas, as criaturas  
das florestas sem fim...  
da Terra das Palmeiras.

Naqueles tempos, na terra  
a suficiência reinava...  
Nhamandú foi criador  
e mestre... e os entes  
todos, outro não conheciam...  
veneravam-no e o temiam.

Os seres do paraíso  
amavam-se, procriavam  
e com a graça dos  
simples, num sonho

a se entender permanente,  
em equilíbrio viviam.

Com o seu meio, contentes...  
com os seus próximos,  
felizes... num harmonioso  
e melódico fluir, como  
organismo único... pela  
Natureza, orquestrado.





# CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

## Urrando Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

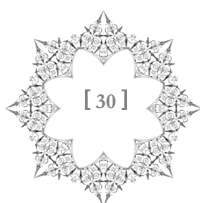
Não era nenhum animal...  
Após uma persistente chuva...  
ainda escuro céu... num  
indefinido amanhecer...  
urrando, um medonho vendaval.

Ao redor, latiam e/ou tentavam  
se esconder os desamparados cães.  
Eu protegida, mas angustiada,  
naqueles nessa situação, pensava...  
Não adiantava é claro... inútil!

Urrando, continuava... imparável!  
Se demônios e bruxos têm voz,  
na minha insensatez, seria este  
o seu vociferar... Como da minha  
herança, um traço do trauma...

Na minha ascendência, dos urros  
do tempestuoso tempo, meus genes  
não se livraram... calejados ou não,  
ainda abalados e atemorizados.

Ai!... e a aurora que não chega  
para o monstro afugentar... ou  
minimizar o terror que se instalou!





# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**